

A História da Filosofia como arqueologia. Homenagem a Roberto Machado (1942-2021)

*History of Philosophy as Archaeology. Homage to
Roberto Machado (1942-2021)*

Ernani Chaves

Universidade Federal do Pará, Brasil

Roberto Cabral de Melo Machado faleceu em maio deste ano 2021. Acabara de completar 79 anos no dia 22 de abril. Era Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quando ainda era professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, assistiu às conferências de Michel Foucault, conhecidas como “A verdade e as formas jurídicas”, que o filósofo francês proferira naquela universidade, no final de maio de 1973. Como ele mesmo conta em seu livro *Impressões de Michel Foucault* (2017), essas coincidiam de Foucault coincidiam com sua leitura de *As palavras e as coisas*, uma leitura cujo resultado inicial era um severo julgamento crítico. Marcado pelos anos de estudo em Louvain e Heidelberg, embebido de fenomenologia, ele compartilhava naquela época do julgamento que dizia que a filosofia francesa era uma espécie de cópia malfeita da grande filosofia alemã.

As conferências de Foucault entretanto, fascinaram o jovem professor, que decidiu naquele momento seguir seus cursos no Collège de France e em seguida a mudar radicalmente o tema de sua tese de doutorado, da fenomenologia husserliana para o estudo da arqueologia foucaultiana. Entre 1973 e 1979, ou seja desde “O poder psiquiátrico” até “O nascimento da biopolítica”, Roberto Machado não só assistia aos cursos de Foucault, mas também passou a fazer parte do grupo de pesquisadores próximos a Foucault e que se reuniam na sala deste no Collège de France. Nasceu aí uma intensa amizade, que criou raízes nas sucessivas

visitas de Foucault ao Brasil até o ano de 1976.

Machado o acompanhava nas viagens pelo Brasil, à exceção foi Belém, em novembro de 1976. tinha uma especial predileção pelo período arqueológico do pensamento de Foucault. Talvez por isso ele tenha aceitado o convite de Benedito Nunes, Professor Titular da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal, para vir a Belém a fim de ministrar uma disciplina num Curso de Especialização em “Filosofia das Ciências Humanas”. E foi assim, que conheci Roberto Machado, em janeiro de 1982. Naquela ocasião, ele já era conhecido pelos poucos estudiosos brasileiros de Foucault, por ter sido o organizador da edição brasileira da *Microfísica do poder*, publicada em 1979. Para essa edição, Machado escreveu uma “Introdução”, que se constituiu também numa espécie de “guia de viagem” para aqueles que se aventuravam a estudar Foucault. Dentre eles, eu próprio, que começava a escrever minha Dissertação de Mestrado sobre Foucault e a psicanálise.



Além disso, ele acabara de publicar sua tese de Doutorado, *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*, livro que marcou profundamente a minha geração. Neste livro, Machado considerou a singularidade da arqueologia a partir do debate com a epistemologia francesa, em especial Bachelard e Canguilhem. Iniciou-se ali, entre nós, uma amizade que durou até a sua morte recente. Tínhamos em comum, não apenas o interesse pelo pensamento de Foucault, mas o fato de que nós dois o havíamos conhecido, pois eu assistira às conferências de Foucault em Belém, quando iniciava meus estudos universitários e tinha apenas 19 anos.

O primeiro livro que Machado leu de Foucault, conforme já disse acima, foi *As palavras e as coisas*. Um livro que ele ganhou de presente e que leu, de início, apenas as páginas finais, o que o deixou bastante desconfiado. Ainda embebido de fenomenologia e do humanismo que lhe correspondia, Machado não podia aceitar – porque não havia entendido, como ele mesmo diz em *Impressões de Michel Foucault*– a “previsão” de que tal como o “homem” apareceu no horizonte da episteme do século XIX como um duplo empírico-transcendental, em breve talvez pudesse também desaparecer “como, na orla do mar, um rosto de areia”.

A partir de uma leitura de *As palavras e as coisas* em relação e em contraste com a epistemologia de Bachelard e Canguilhem, uma epistemologia que se faz conjuntamente com uma História das Ciências, despertou e solidificou com o passar do tempo o interesse de Machado pela arqueologia. Esse interesse se materializou em dois livros, que marcaram época na recepção brasileira de Foucault e que hoje podemos considerar como “clássicos”: *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*, a tese de doutorado defendida em Louvain e publicada em 1982 e *Foucault, a filosofia e a literatura*, de 2000. Mesmo que Roberto tivesse testemunhado a passagem da arqueologia à genealogia, seja como ouvinte das conferências de 1973 no Rio de Janeiro ou ainda do curso *O poder psiquiátrico*, de 1973-1974, mesmo que o trabalho coletivo que resultou em *Danação da norma: a constituição histórica da medicina social e da psiquiatria no Brasil*, publicado em 1978 e, por fim, que ele próprio tenha organizado a edição brasileira da *Microfísica do Poder*, de 1979, seus livros sobre Foucault permaneceram no universo da arqueologia.

O que atraía Machado para a arqueologia? O que o fascinava nesses textos e livros de Foucault dos anos 1960? Sua resposta em *Impressões de Michel Foucault* mostra que, para além das questões teóricas e metodológicas, o que lhe interessava sobremaneira era o fato de que Foucault estava em constante deslocamento, que se desprendia com facilidade dos “objetos” que havia estudado, assim que um livro tivesse sido publicado. E esse deslocamento era constante. Assim, se como ele mesmo demonstrou em *Ciência e saber*, se poderia falar de uma “arqueologia da percepção”, “do olhar” e “das ciências humanas” na *História da loucura, O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas* respectivamente, poder-se-ia igualmente falar de uma “genealogia do poder” e “da subjetivação” nos livros genealógicos, tal como ele próprio se referiu na “Introdução” às edições brasileiras da *Microfísica do poder*, a partir de 2014. Entre esses momentos poder-se-ia até encontrar continuidades, mas Roberto sempre insistiu na dimensão do deslocamento. *Assim, para ele, era absolutamente “estranho” (foi essa a palavra que usou em uma conversa comigo, se a memória não me trai), que se fale com tanta ênfase entre nós de uma “arqueogenealogia”*. Para ele, Foucault era sempre uma cobra mudando de pele, lembrando de aforismo 573 de Nietzsche em *Aurora*: “A serpente, que não pode mudar de pele, perece. Assim também os espíritos aos quais se impede que mudem

de opinião; eles deixam de ser espíritos”.

Se eu fosse escrever algo como *Impressões de Roberto Machado*, eu diria que ele tomou para si essa dimensão do deslocamento que tanto admirava no trabalho de Foucault, o que implicava em insistir na renúncia ao que ele já havia feito antes. Assim, ele pode passar de Foucault a Nietzsche, depois a Deleuze para logo em seguida voltar a Foucault e, enfim, radicalizar seu experimento filosófico ao não mais escrever um livro monográfico, mas sim temático, o monumental *O nascimento do trágico*, publicado em 2006. Esse deslocamento também aparece, certamente, quando lembramos que ele deixou um livro pronto para ser publicado sobre a filosofia em Proust. E que esperamos, no Brasil, para ler com ansiedade comparável a que acompanhou os leitores e estudiosos de Foucault à espera de *As confissões da carne*, o último volume da *História da sexualidade*.

Essa predileção pela arqueologia por sua vez está em estreita ligação à recusa, à crítica de Roberto aos métodos de pesquisa filosófica em voga no Brasil, desde aquele que é o da leitura “estrutural”, seguindo a tradição francesa de Victor Goldschmidt e Martial Guérout, passando pela perspectiva dos analíticos ou ainda de uma leitura hermenêutica com base em Heidegger. Nos anos 1980, principalmente, ocorreu no Brasil um acirrado debate acerca do que era filosofia e quem merecia o título de filósofo. Foucault, Nietzsche e Deleuze, justamente os filósofos estudados por Machado, não faziam parte do cânone e por várias razões se questionava se o que faziam era mesmo filosofia. Machado lembra com leveza e uma certa ironia, jamais com ressentimento, dessa desqualificação. Aliás, uma desqualificação que ele próprio já tinha feito no seu período de Louvain, como ele mesmo conta, quando a filosofia francesa era igualmente considerada secundária e apenas uma cópia esmaecida da grande filosofia alemã. Desse modo, mesmo considerando que não se faz filosofia sem a história da filosofia, era necessário encontrar uma espécie de terceira via. Foi justamente esse o papel representado pela arqueologia, o de se constituir como uma alternativa aos três “métodos” acima mencionados. Nem “ordem das razões”, nem elucidação dos argumentos, muito menos hermenêutica textual.

Gostaria de assinalar a partir de agora duas perspectivas utilizadas por Roberto Machado para escolher a arqueologia como esse “método de investigação”. Em primeiro lugar, lembro que já em *Deleuze e a filosofia*, de 1990, na sexta seção do livro, ele procura diferenciar Deleuze e Foucault justamente pela maneira diferente, com a qual eles encaravam a história da filosofia. Grosso modo, em Deleuze a “colagem”, em Foucault a “arqueologia”. O modelo de Deleuze vem das artes, o de Foucault da confrontação com a história epistemológica. “Personagem de uma encenação” no teatro filosófico de Deleuze, a interpretação deleuziana confrontada com a interpretação de Machado ele próprio, o leva a concluir que o objetivo de Deleuze em fazer de Foucault um “neokantiano” é um equívoco. Ao contrário de Foucault e seu constante deslocamento em meio a pesquisas

históricas, em Deleuze, segundo Roberto, haveria sempre uma “invariante”, uma “homologia estrutural” a unir seus estudos sobre Hume, Kant, Espinosa, Nietzsche e...Foucault. Assim, a maneira de Deleuze de fazer história da filosofia também não o satisfaz. Esse distanciamento, a meu ver, diz respeito também ao fato de que embora tenha privilegiado o confronto entre arqueologia e epistemologia, a partir



de seu crescente interesse por Nietzsche, Roberto vai cada vez mais relacionar a arqueologia ao pensamento do “profeta sem morada”, para lembrar esse trecho da famosa canção “Peter Gast”, de Caetano Veloso, o artista brasileiro tão admirado por Roberto. E, se a publicação de *Nietzsche e a filosofia*, de Deleuze, em 1962, representou um marco na recepção de Nietzsche, entre outros por distanciar Nietzsche da interpretação de Heidegger dominante na cena francesa do pós-guerra e por colocar em relevância a relação entre a teoria das forças e da vontade de potência, o Nietzsche de Foucault, na visão de Roberto será cada vez mais a do filósofo trágico (na arqueologia) e, posteriormente, a do genealogista. Em *Foucault, a filosofia e a literatura*, por exemplo, logo na “Introdução”, Machado faz uma distinção inteiramente nova e relevante para os seus propósitos: a de que a arqueologia comportaria dois níveis, um histórico e um filosófico. Neste último, a figura determinante é Nietzsche. Assim, livros como *O nascimento da tragédia e Para a genealogia da moral* seriam uma espécie de prefiguração de como se faz história da filosofia fazendo arqueologia, sempre tendo em conta o gesto antihistoricista de atenção ao presente.

Mas, até então, o próprio Machado não tinha se ocupado extensamente

em analisar um determinado período da História da Filosofia. Seus livros permaneciam monográficos. *O nascimento da trágico* constitui, nessa perspectiva, um duplo deslocamento: de uma monografia para um livro temático, da análise de um filósofo para a consideração de vários, tendo em vista o objeto do livro. Desde o seu título, o livro já alude à relação intrínseca que Machado passou a estabelecer entre Nietzsche e a dimensão filosófica da arqueologia de Foucault. De tal modo que agora ele pode exercitar com maestria uma história da filosofia, que vai desde a segunda metade do século XVIII até Nietzsche, mas sempre retomando a história da filosofia como um todo – a questão da catarse, por exemplo, o leva de volta a Aristóteles ou a questão da modernidade até Descartes – escapando da análise estrutural e da perspectiva analítica ou mesmo hermenêutica.

E isso Machado o diz explicitamente já no primeiro parágrafo da “Introdução” do livro: a de que sua abordagem histórico-filosófica, que ele poderia chamar de “arqueológica”, assinala sua dívida com Michel Foucault. Se lermos com atenção *O nascimento do trágico* veremos que ele se orienta pela perspectiva arqueológica, seja pelo presença da descontinuidade na análise, embora não seja uma descontinuidade total – apenas em *As palavras e as coisas* se trata de uma descontinuidade total -, que vai mostrando os deslocamentos que a questão do trágico sofre de Schiller a Nietzsche, seja por não situar o nascimento da modernidade filosófica em Descartes, como o faz Heidegger por exemplo, mas usando a periodização de Foucault, também denomina os séculos XVII e XVIII como período “clássico”, assim como também se utiliza de Foucault para marcar o nascimento da modernidade com a filosofia de Kant e dos pós-kantianos.

É justamente essa escavação arqueológica que vai permitir a Machado se distanciar criticamente dos trabalhos clássicos de Peter Szondi, para quem a noção de trágico teria sido introduzida por Schelling. Machado vai mostrar, com muitas justificativas, que já em Schiller podemos encontrar o momento da passagem de uma poética da tragédia, vigente desde Aristóteles, para uma filosofia do trágico. A arqueologia como perspectiva a ser adotada pela História da Filosofia permitiria então que o trabalho historiográfico, sempre indispensável, pudesse descobrir outras vias de acesso a um tema, a um problema, que parecia já ter encontrado sua resposta definitiva.

Não tenho palavras para expressar o quanto devo, no meu próprio trabalho, a essa perspectiva que Roberto Machado nos ofereceu. Reticente a homenagens, sempre rejeitou a ideia que tive de publicar um *Festschrift* por ocasião dos seus 70 anos. Mas, aceitou de bom grado o dossiê que organizei para a Revista Cult, por ocasião do lançamento do *Impressões de Michel Foucault*. Menos por ele e mais por Foucault. Seu trabalho, que inclui também traduções e edições de livros de Foucault na coleção “Biblioteca de Filosofia e História das Ciências” por ele fundada, da Editora Graal do Rio de Janeiro, constituem numa contribuição inestimável não só aos estudos foucaultianos no Brasil, mas à filosofia brasileira

em geral. Que ele não possa ler essas mal traçadas linhas que acabo de escrever sobre seu trabalho, para fazer reparos e críticas, inunda meu coração de saudade, mas também de alegria por ter desfrutado de sua amizade e de ter feito com ele passeios inesquecíveis pelas praias do norte do Brasil, a começar daquelas que o próprio Foucault havia conhecido.

Bibliografia de Roberto Machado:

Livros (apenas as primeiras edições)

Ciência e saber. A trajetória da arqueologia de Foucault. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1982.

Nietzsche e a verdade. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

Deleuze e a filosofia. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

O Nascimento do trágico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Livros organizados:

Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Livros coletivos:

Danação da norma. A constituição histórica da psiquiatria e da medicina social no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

Traduções:

O nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

“Os intelectuais e o poder”. In: *Microfísica do poder*.

“Sobre a justiça popular” (com Angela Loureiro de Souza). In: *Microfísica do poder*.

“O nascimento da medicina social”. In: *Microfísica do poder*.

“O nascimento do hospital”. In: *Microfísica do poder*.

“Sobre a geografia” (com Angela Lourinho de Souza). In: *Microfísica do poder*.

“A governamentalidade” (com Angela Lourinho de Souza). In: *Microfísica do poder*.